



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS

EVELYN MENEZES DE OLIVEIRA

UMA PROPOSTA DO CAMINHO PERCORRIDO POR MANOEL DE BARROS
PARA A CONSTRUÇÃO DAS SUAS *MEMÓRIAS INVENTADAS*

Brasília

2016

EVELYN MENEZES DE OLIVEIRA

UMA PROPOSTA DO CAMINHO PERCORRIDO POR MANOEL DE BARROS
PARA A CONSTRUÇÃO DAS SUAS *MEMÓRIAS INVENTADAS*

Monografia apresentada ao curso de Letras-
Português da Universidade de Brasília – UnB –
como requisito para obtenção do Grau de
Bacharel em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Fabrícia Wallace
Rodrigues Eyben

Brasília
2016

Aos meus pais,
e ao meu irmão.
Amor que nem cabe no peito.

AGRADECIMENTOS

É difícil colocar em palavras o tamanho do agradecimento que certas pessoas merecem, mas tentarei citar aqui as pessoas que contribuíram de alguma forma na minha vida, tanto acadêmica quanto pessoal, pessoas que me ajudam constantemente a construir o meu eu, agradeço por ter cada uma de vocês comigo.

Primeiramente agradeço a Deus pelo dom da vida e por ser o meu maior acaento nas horas difíceis.

Ao meu irmão Evandro por ter acreditado mais em mim do que eu mesma, obrigada por ser meu maior incentivador para buscar meus sonhos. Você é a minha alma gêmea, meu melhor amigo.

Agradeço aos meus pais Evandro e Elizabeth por terem compreendido desde muito cedo o meu amor aos livros e à leitura, além de me ensinarem o significado do amor incondicional.

Ao meu namorado Renan pelo amor, carinho e compreensão em todos os momentos, além do melhor abraço do mundo.

À minha família de modo geral, aos que moram perto e aos que moram longe, estando presente nas minhas lembranças mais puras.

Aos meus amigos da vida, da escola e da faculdade. Vocês com certeza deixaram um pouquinho de vocês em mim. Em especial à: Luíza, Karin, Rosana, Gisely e Giulia, pessoas que sintetizam o significado de confiança.

À Universidade de Brasília pelas manhãs floridas e inspiradoras para alcançar o tão sonhado diploma.

Aos professores que contribuíram de alguma forma para o meu crescimento profissional, em especial à professora Fabrícia Wallace pelo acompanhamento e orientação neste trabalho monográfico.

O meu mais sincero obrigada a todos.

“O mais importante e bonito, do mundo, é isto:
que as pessoas não estão sempre iguais,
ainda não foram terminadas
- mas que elas vão sempre mudando.”

Guimarães Rosa

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal apresentar uma hipótese do caminho percorrido por Manoel de Barros para construir as suas memórias inventadas, partindo da análise dos seus livros *Memórias Inventadas: a infância*, *Memórias Inventadas: a segunda infância* e *Memórias Inventadas: a terceira infância*, que juntas compõem a série *Memórias Inventadas*. Esta proposta pretende estabelecer um caminho possível utilizado pelo autor para construir suas próprias memórias da infância e, de certa forma, alcançar o seu leitor fazendo com que ele também seja capaz de criar as suas memórias ao ler a trilogia. Para percorrer o caminho proposto por esta pesquisa, aprofundou-se no entendimento do conceito de memória, partindo da compreensão dos conceitos filosóficos e históricos. O segundo conceito, a imaginação deu-se pelo entendimento proposto, principalmente, por Jean Paul Sartre, e pela compreensão da capacidade criadora das crianças e das suas particularidades infantis por Gaston Bachelard e Lev S. Vigotski. Por fim, apresentou-se o conceito de ficção, a partir da leitura de críticos importantes de Manoel de Barros. As memórias inventadas correspondem, então, a um conjunto de sua imaginação infantil acrescidas às suas memórias pessoais. A ficção será acrescentada na medida em que houver espaços para preencher as sensações proporcionadas pela infância, resultando na construção de uma autobiografia poética e ficcional de Manoel de Barros.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Imaginação. Invenção. Memórias Inventadas. Manoel de Barros.

ABSTRACT

This study aims to present a hypothesis of the path taken by Manoel de Barros to build his invented memories, based on the analysis of his books *Memórias Inventadas: a infância*, *Memórias Inventadas: a segunda infância*, *Memórias Inventadas: a Terceira infância*, which together consist in the series *Memórias Inventadas*. This proposal seeks to establish a possible path used by the author to build their own childhood memories and, in a way, to reach your reader causing him to also be able to create your memories to read the trilogy. In order to keep track the way of this research, it was taken a deeper look at the understanding of the memory's concept, based on philosophical understanding and historical concepts. The second concept is the imagination given by the understanding proposed, mainly, by Jean Paul Sartre, and understanding of the creative capacity of children and their childish characteristics by Gaston Bachelard and Lev S. Vigotski. Finally, one presented the concept of fiction, from the reading of important critics of Manoel de Barros. The invented memories correspond, then, to a set of his childish imagination added to his personal memories. The fiction will be added to the extent that there are gaps to fill the sensations provided by the childhood, resulting in the construction of a poetic and fictional autobiography of Manoel de Barros.

Keywords: Memory. Imagination. Invention. Invented Memories. Manoel de Barros.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. A MEMÓRIA.....	11
2. A MEMÓRIA IMAGINADA.....	21
3. A MEMÓRIA INVENTADA: A FICÇÃO, A REALIDADE E A MENTIRA.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
BIBLIOGRAFIA	42

Introdução

A proposta desta pesquisa é entender a construção das memórias inventadas do autor Manoel de Barros a partir de sua trilogia, *Memórias Inventadas*. Compreender o caminho percorrido pelo autor para construir suas memórias pessoais torna-se interessante, porque, após a leitura da série, muitos questionamentos pairam na cabeça do leitor.

O questionamento inicial vem já no título do livro, pois como seria possível inventar uma memória visto que o ato de lembrar-se é apenas uma volta ao passado, sobre aquilo que já viveu? Dessa forma, pretendo propor um caminho das suas memórias, partindo de um conceito inicial, mais geral, sobre o que é a memória, conteúdo do primeiro capítulo desta pesquisa, seguindo para um conceito mais específico de imaginação ligado à memória do passado e da imaginação infantil, que compreendem o segundo capítulo. Finalmente, o terceiro capítulo parte do entendimento da invenção presente na construção poética deste autor.

Um capítulo inicial para esclarecer o conceito de memória foi necessário, pois, muitas vezes, lidamos com esse conceito como se já soubéssemos o seu significado, porém, acabamos por nos confundir com outros termos muito comumente associados à memória, mas que, em totalidade, não conseguem esclarecê-la. Por isso, partiremos da análise do significado de memória no dicionário, por ser este o primeiro passo quando queremos saber o significado de um termo específico de nossa língua. Após a consulta ao dicionário e após conferirmos de que se trata de um termo muito abrangente, vemos que, em sua maioria, os significados propostos não explicam com totalidade a memória. Com isso, seguimos para uma consulta mais profunda de teóricos, críticos e historiadores para a compreensão deste conceito.

O entendimento da imaginação também é necessário para compreendermos o caminho percorrido pelo autor para a construção da sua autobiografia poética, uma vez que se trata de memórias infantis, sendo a imaginação muito presente na vida de uma criança. Para esclarecer esta questão, pesquisei a fundo a proposta de Jean Paul Sartre, em seu livro *A Imaginação* e, partindo do seu entendimento, busquei em Gaston Bachelard a compreensão dos devaneios infantis e em Lev S. Vigotski a capacidade criadora individual que cada criança apresenta, de acordo com as suas particularidades.

Por fim, associando a memória à imaginação, compreendemos que Manoel de Barros utiliza-se, ainda, da ficção para a construção de sua autobiografia e é a

partir dessa ficção que é conferida à série o caráter de invenção, tornando possível a construção das memórias inventadas deste autor.

Em todos os capítulos associei os poemas presentes na série ao tema que estava sendo tratado para corroborar a minha pesquisa e, dessa forma, ilustrar o trabalho.

1. A memória

“Fisicamente, habitamos um espaço, mas, sentimentalmente, somos habitados por uma memória.”

José Saramago

Para falar sobre as *Memórias Inventadas* do autor matogrossense Manoel Wenceslau Leite de Barros, mais conhecido como Manoel de Barros, considero importante, inicialmente, a compreensão do conceito de memória. Com esse intuito, foram escolhidos alguns estudiosos para esclarecer a questão. Porém, antes de entrarmos nas questões filosóficas da memória, julgo necessária uma consulta ao dicionário. O dicionário escolhido foi o Michaelis *online*, mas esse não foi um contratempo, visto que a maioria dos dicionários apresentam significações para a memória bastante similares. Dessa forma, apresenta Michaelis:

“me.mó.ria, substântivo feminino: 1. **Faculdade de conservar ou readquirir ideias ou imagens.** 2. **Lembrança, reminiscência:** Memória do passado. 3. Celebridade, nome, reputação: Deixou boa memória. 4. Monumento para comemorar os feitos de alguma pessoa ilustre, ou algum sucesso notável. 5. **Apontamento para lembrança.** 6. Memorial. 7. Anel que se dá para conservar uma lembrança ou para comemorar algum fato. 8. Comemoração de um santo ou a oração em que ela se faz no ofício do dia. 9. Nota diplomática. 10. Documento em que a parte expõe a sua defesa ou o seu pedido e que junta aos autos. 11. Dissertação científica ou literária, destinada já a ser enviada a uma corporação, a uma academia, a uma escola ou ao governo, já a ser publicada pela imprensa. 12. **Aquilo que serve de lembrança; vestígio.** 13. Psicologia: **Em sentido geral e abstrato, a capacidade dos organismos vivos de se aproveitarem da experiência passada, em virtude da qual passam a ter uma história; fundamento do aprendizado em geral em qualquer de seus aspectos (motor, emocional, verbal, consciente, inconsciente).** 14. Informática: Espaço de armazenamento num sistema de computador ou meio, que é capaz de reter dados ou instruções.

Memória, substantivo feminino plural: 1. **Narrações de caráter pessoal escritas para servirem de subsídio histórico.** 2. Escritos em que o autor só trata de acontecimentos que lhe dizem respeito ou dos pertencentes à sua época e em que é mais ou menos interessado.” (Michaelis *online*. Grifos meus).

A partir dessas quatorze definições para memória, vemos o quanto este é um termo ambíguo e o quanto essa ambiguidade pode prejudicar o entendimento do leitor. Apenas as definições em negrito fazem alusão à memória como uma capacidade de lembrar-se de algo. A primeira confusão percebida é a de utilizar conceitos como lembrança e reminiscência como significados da memória, ao fazer

isso o autor reduz, e muito, a sua abrangência. Como vemos em Aristóteles, segundo Paolo Rossi (2010, p. 15):

A memória parece referir-se a uma persistência, a uma realidade de alguma forma intacta e contínua; a reminiscência (ou *anamnese* ou reevocação), pelo contrário, remete à capacidade de recuperar algo que se possuía antes e que foi esquecido. Segundo Aristóteles, a memória precede cronologicamente à reminiscência.

Os dicionários apresentam uma significação limitada para a memória, expondo-a apenas como uma faculdade de conservar ideias ou imagens. E o que se percebe nas obras de Manoel de Barros é que a memória é uma força muito maior que apenas essas descrições não conseguem esclarecer.

Paul Ricoeur e Santo Agostinho utilizam-se dos conceitos aristotélicos para diferenciarem a lembrança da reminiscência: “A distinção entre *mneme* e *anamnesis* apóia-se em duas características: de um lado, a simples lembrança sobrevém à maneira de uma afecção, enquanto a recordação consiste numa busca ativa.” (RICOEUR, 2007, p. 37) Seguindo o mesmo raciocínio, Santo Agostinho também fala sobre essa distinção, porém, vê a memória como um lugar, um espaço bem definido onde pode adentrar sempre que quiser lembrar-se de algo:

Quando ali penetro, convoco todas as lembranças que quero. Algumas se apresentam de imediato, outras só após uma busca mais demorada, como se devessem ser extraídas de receptáculos mais recônditos. (AGOSTINHO, 1984, p. 97).

A reminiscência também é discutida por Paolo Rossi, citando Tomás de Aquino o autor afirma que esta é uma capacidade encontrada apenas nos seres humanos.

Como dirá Tomás de Aquino “o homem não possui, como os outros animais, apenas a memória, que consiste na lembrança imprevista do passado, mas também a reminiscência, que é quase fazer silogismos buscando a lembrança do passado”. (2010, p. 16)

Sabendo, então, que a lembrança é algo imediato e a reminiscência é uma busca mais profunda de uma lembrança, seguimos com as significações de termos que muitas vezes são confundidos com a memória. A evocação muitas vezes é associada à memória, como se fosse um sinônimo, porém Ricoeur (2007, p. 45) esclarece que se trata de algo mais repentino:

Entendamos por evocação o aparecimento atual de uma lembrança. É esta que Aristóteles destinava o termo *mneme*, designando por *anamnesis* o que chamaremos, mais adiante, de busca ou recordação. E ele caracterizava a *mneme* como *pathos*, como afecção: ocorre que nos lembramos disto ou daquilo, nesta ou naquela ocasião; então, temos uma lembrança.

Santo Agostinho (1984, p. 99) também se refere à rememoração, como um modo de unir o pensamento à memória, para que estas não fiquem dispersas:

Por isso descobrimos que adquirir tais noções nada mais é do que coligir com o pensamento os elementos esparsos na memória e, pela reflexão, obrigá-los a estarem sempre disponíveis à memória, onde antes se ocultavam em desordem e abandono, de modo que se apresentem sem dificuldade ao chamado do nosso espírito.

Como se vê, muitos são os termos correlatos à memória, mas que não têm a capacidade de defini-la por completo, porque cada uma delas possui uma significação distinta. Afinal, o que é a memória? Platão relata a metáfora de cera de Sócrates, tentando exemplificar a memória, associando-a à impressão:

“Pois bem, concede-me propor, em apoio ao que tenho a dizer, que nossas almas contêm em si um bloco maleável de cera: maior em alguns, menor em outros, de uma cera mais pura para uns, mais impura para outros, e bastante dura, mas mais úmida para alguns, havendo aqueles para quem ela está no meio-termo”. – Teeteto: “Concedo”. – Sócrates: “Pois então, digamos que se trata de um dom da mãe das Musas, Memória: exatamente como quando, à guisa de assinatura, imprimimos a marca de nossos anéis, quando pomos esse bloco de cera sob as sensações e os pensamentos, imprimimos nele aquilo que queremos recordar, quer se trate de coisas que vimos, ouvimos ou recebemos no espírito. E aquilo que foi impresso, nós o recordamos e o sabemos, enquanto a sua imagem (*eidolon*) está ali, ao passo que aquilo que é apagado, ou aquilo que não foi capaz de ser impresso, nós esquecemos (*epilelesthai*), isto é, não o sabemos.” (RICOEUR, 2007, p. 28)

A partir desta metáfora, Platão tentou ilustrar dois processos: tanto o de recordar-se quanto o de esquecer-se. Para isso, fez referência à Memória, mãe das Musas, que de acordo com a mitologia grega, é uma deusa que faz com que os homens recordem-se dos grandes atos dos antigos heróis gregos. Como explica Jacques Le Goff (2013, p. 400):

Os gregos arcaicos fizeram da memória uma deusa, *Mnemosine*, mãe das nove musas, engedradas no decurso de nove noites passadas com Zeus. Lembra aos homens a recordação dos heróis e de seus altos feitos, preside

a poesia lírica. O poeta é pois um homem possuído pela memória, o aedo é um adivinho do passado, como o adivinho o é do futuro.

Ainda sobre a contribuição de Le Goff para essa pesquisa, o autor continua o seu pensamento falando da importância da memória, principalmente na poesia, onde *Mnemosine*, deusa da memória, revelava aos poetas os segredos do passado. Dessa forma, os poetas tinham grande importância na Grécia antiga.

A poesia, identificada com a memória, faz desta um saber e mesmo uma sabedoria, uma *sophia*. O poeta tem o seu lugar entre os 'mestres da verdade' (cf. Detienne, 1967) e, nas origens da poética grega, a palavra poética é uma inscrição viva que se grava na memória como no mármore (cf. Svenbro, 1976). Disse-se que, para Homero, versejar era lembrar. (LE GOFF, 2013, p. 401)

Assim como para Homero, percebemos que muitos escritores, independentemente de sua escola literária, ou do momento vivido, escrevem para recordar o que viveram e para registrar essas lembranças. Associando Manoel de Barros ao pensamento de Homero, o leitor pode inferir que a série *Memórias Inventadas* é uma maneira do poeta versejar e assim lembrar-se de seu passado, da sua infância no Pantanal. Cada livro da série foca em um momento da sua vida: o primeiro voltado à sua infância, o segundo para a sua mocidade e o terceiro para a velhice.

Jacques Le Goff (2013) nos revela, ainda, que a memória está presente em inúmeras áreas de conhecimento e essa pode ser uma outra dificuldade para defini-la. É uma matéria experimentada desde a história, passa pelos estudos antropológicos, pela literatura, psicologia, biologia, entre outras. Certos entendimentos de qualquer uma dessas áreas de conhecimento descentralizam o significado da memória, tornando uma tarefa difícil a sua compreensão por uma pessoa leiga na área de conhecimento a qual a memória está sendo associada. Com isso, faz-se necessário um refinamento das abordagens da memória, e nesta pesquisa, a memória será abordada como uma experiência pessoal.

Todas as tentativas de conceituação da memória até o presente momento demonstram que a memória tanto é um processo cognitivo quanto pragmático. Perceba que não se trata de uma dicotomia, onde a abordagem cognitiva anularia a pragmática, ou vice-versa. Para exemplificar, Paul Ricoeur (2007, p. 71.), alerta-nos sobre essa visão pragmática da memória

Essa nova consideração se articula na primeira da seguinte forma: lembrar-se é não somente acolher, receber uma imagem do passado como também buscá-la, “fazer” alguma coisa. O verbo “lembrar-se” faz parte do substantivo “lembrança”. O que esse verbo designa é o fato de que a memória é “exercitada”.

Sendo a memória um exercício da mente humana, ela pode ser treinada e aperfeiçoada. Para isso existem vários estudos sobre as técnicas da memória, tendo como a autora do livro *A Arte da Memória*, Frances A. Yates (2008), uma estudiosa como referência no assunto.

A contribuição de Yates para esta pesquisa é breve por que a autora aprofunda nos estudos das técnicas de memória que existem desde a Grécia Antiga, sobre como as pessoas faziam para memorizar grandes discursos antes do advento da página impressa, os estudos mnemônicos da memória. Estas memórias são artificiais, treinadas, por isso as memórias estudadas por Yates não são suficientes aqui, porque o que nos chama a atenção em Manoel de Barros é justamente a pureza da memória “inventada”, lembrada, recordada, deste autor.

Para ilustrar esta memória natural, encontrada em Manoel de Barros, indico o poema “Obrar”, do primeiro livro da trilogia *Memórias Inventadas*.

Obrar

Naquele outono, de tarde, ao pé da roseira de minha avó, eu obrei.

Minha avó não ralhou nem.

Obrar não era construir casa ou fazer obra de arte.

Esse verbo tinha um dom diferente.

Obrar seria o mesmo que cacarar.

Sei que o verbo cacarar se aplica mais a passarinhos

Os passarinhos cacaram nas folhas nos postes nas pedras do rio nas casas.

Eu só obrei no pé da roseira da minha avó.

Mas ela não ralhou nem.

Ela disse que as roseiras estavam carecendo de esterco orgânico.

E que as obras trazem força e beleza às flores.

Por isso, para ajudar, andei a fazer obra nos canteiros da horta.

Eu só queria dar força às beterrabas e aos tomates.

A vó então quis aproveitar o feito para ensinar que o cago não é uma coisa desprezível.

Eu tinha vontade de rir porque a vó contrariava os ensinamentos do pai.

Minha avó, ela era transgressora.

No propósito ela me disse que até as mariposas gostavam de roçar nas obras verdes.

Entendi que obras verdes seriam aquelas feitas no dia.

Daí que também a vó me ensinou a não desprezar as coisas desprezíveis

E nem os seres desprezados. (BARROS, 2003, II, grifos meus)

A escolha deste poema deu-se em decorrência da naturalidade com que o poeta nos introduz um parente querido. Lembra-se da atitude da avó, no 3º verso, dizendo que poderia, mas optou por não brigar com o poeta criança pelo ato de obrar. Ela poderia muito bem ter reagido de maneira agressiva a sua atitude, porém, por ter reagido de uma forma que não era a esperada, demonstrando carinho e compaixão pelo neto, Manoel de Barros versa e lembra-se da avó, fato corroborado pelo verso 11º “Mas ela não ralhou nem”.

Outra atitude da avó que pudesse ter feito com que Manoel de Barros relembresse com carinho da sua infância foram os ensinamentos que ela lhe passou. Nesta situação apresentada pelo poema, o autor compreendeu que obrar não era um ato desprezível: as folhas, plantas e flores precisam de esterco para crescerem fortes e saudáveis; por isso, algo que até então Manoel acreditava ser desprezível pelos ensinamentos que tivera dos pais, haviam sido modificados pelas lições da avó, como vemos nos versos 16º e 17º do poema “A vó então quis aproveitar o feito para ensinar que o cago não é uma coisa desprezível. Eu tinha vontade de rir porque a vó contrariava os ensinamentos do pai.”

A memória também é constituída pelo afeto. Voltando-nos à metáfora de cera de Sócrates, aquilo que vemos, ouvimos ou recebemos em nosso espírito pode ser “impresso” na memória, enquanto aquilo que não nos causa sensibilidade não é impresso. Ou seja, aquilo que estimula a nossa memória, temos uma maior facilidade de lembrar. Como esclarece Yates (2008, p. 26), citando trecho do *Ad Herennium* (importante tratado grego sobre a memória, de autor desconhecido):

Quando vemos em nosso cotidiano coisas triviais, comuns, banais, geralmente falhamos em nos lembrar delas, porque a mente não é estimulada por algo novo ou excepcional. Mas se vemos ou ouvimos algo indigno, desonroso, incomum, grande, inacreditável, ou ridículo, disso conseguimos nos lembrar por muito tempo. (...) é freqüente nos lembrarmos melhor, por exemplo, de incidentes da nossa infância. Isso acontece porque coisas comuns facilmente fogem da memória, ao passo que as coisas surpreendentes e novas permanecem por mais tempo nela.

Dessa forma, o sentimento que nos liga à memória tanto pode ser positivo, despertando-nos boas sensações, como negativos, gerando-nos sentimentos ruins, como quando sofremos desastrosos. Por isso, acontecimentos trágicos como acidentes, mortes, algo que muitas vezes não queremos nos lembrar com tanta

frequência, por serem incomuns e causarem grande comoção, ficam guardados em nossa memória. Assim como nos lembramos com facilidade daquilo que nos causa bastante alegria. Em conversas do nosso cotidiado vemos que muitos pais, por mais idade que tenham, podem nos contar com detalhes como foi o dia de seu casamento, ou o dia do nascimento dos filhos sem que para isso tenham que fazer uma busca aprofundada na memória (*anamnese*).

Este fato é corroborado pela professora Fabrícia Wallace Rodrigues (2013, p. 30) em sua tese: “Apesar de sua porção técnica, aqui lembrada pela referência à arte da memória, a memória é constituída ainda por uma porção acessada pela sensibilidade.”

Outro poema que pode ilustrar a memória associada ao sentimento, neste caso, o de novas descobertas, é o “Parreede!” também do primeiro livro da trilogia, onde o autor narra o momento em que se apaixonou pelas palavras e pela literatura:

PARREEDE!
 Quando eu estudava no colégio, interno,
Eu fazia pecado solitário.
 Um padre me pegou fazendo.
 - Corumbá, no parrrede!
 Meu castigo era ficar em pé defronte a uma parede e
 decorar 50 linhas de um livro.
 O padre me deu pra decorar o Sermão da Sexagésima
 de Vieira.
 - Decorrar 50 linhas, o padre repetiu.
 O que eu lera por antes naquele colégio eram romances
 de aventura, mal traduzidos e que me davam tédio.
 Ao ler e decorar 50 linhas da Sexagésima fiquei
 embevecido.
 E li o Sermão inteiro.
 Meu Deus, agora eu precisava fazer mais pecado solitário!
 E fiz de montão.
 - Corumbá, no parrrede!
Era a glória.
 Eu ia fascinado pra parede.
 Desta vez o padre me deu o Sermão do Mandato.
 Decorei e li o livro alcandorado.
 Aprendi a gostar do equilíbrio sonoro das frases.
 Gostar quase até do cheiro das letras.
 Fiquei fraco de tanto cometer pecado solitário.
 Ficar no parrrede era uma glória.
 Tomei um vidro de fortificante e fiquei bom.
 A esse tempo também eu aprendi a escutar o silêncio
 das paredes. (BARROS, 2003, IV, grifos meus)

O que se pode inferir a partir da leitura deste poema e que pode ser um exemplo de memória natural para Manoel, é que algo que a princípio deveria ser seu castigo, passou a ser a parte mais importante do seu dia, como se vê no verso 18º

“Era a glória”. O autor continuou a fazer o que sabia que era proibido para ir cada vez mais para o castigo e cada vez mais poder ler coisas novas. Assim, o autor de *Memórias Inventadas* percebeu-se mergulhado no mundo da literatura. E como não poderia lembrar-se de algo que culminou na sua profissão? Este poema é uma amostra da imersão do autor no mundo literário, dada inicialmente com a leitura dos sermões de Padre Antônio Vieira.

Outro fato que liga Manoel de Barros ao sentimento de descoberta é o seu “pecado solitário”, conferido no segundo verso do poema. Em relatos e entrevistas, Manoel de Barros se descrevia como uma criança solitária, mesmo num internato rodeado de crianças, o autor matogrossense sempre disse ser uma criança sozinha. Este contato com o próprio corpo também não pode deixar de ser percebido neste poema, visto que é uma maneira de autoconhecimento, conhecimento do próprio corpo e de entender como ele responde aos estímulos. E foi a partir desse seu conhecimento como homem que lhe foram introduzidas novas leituras, as que lhe “fascinavam”.

A memória natural é um exemplo de que não é necessário utilizar-se de nenhuma técnica de memória para que o autor lembre-se de fatos tão importantes de sua vida. Fatos que marcaram a nossa vida não necessitam de uma força maior para que sejam lembrados. Esta é a memória espontânea, descrita por Paul Ricoeur (2007, p. 229): “É, de imediato, perfeita; o tempo não poderá acrescentar em coisa alguma à sua imagem sem deturpá-la; ela conservará para a memória, o seu lugar e a data.”

O poema “Fraseador”, também do primeiro livro da série *Memórias Inventadas*, assim como os dois poemas apresentados, merece destaque neste capítulo. Nele, Manoel de Barros recorda-se de como contou aos seus pais de que, diferentemente do que era esperado para alguém que morava no interior, gostaria de ser quando crescesse. Ao invés de sonhar em ser fazendeiro e ter muitas terras, ao invés de sonhar em ser doutor e estudar para ganhar dinheiro, Manoel de Barros, ainda criança, sonhava em ser poeta. Para uma família humilde e de pouco estudo esta revelação era um absurdo. Não se sabia se ser poeta era o suficiente para manter uma casa e uma família, o que causou grande preocupação em seus pais.

Fraseador

Hoje eu completei oitenta e cinco anos. O poeta nasceu de treze. Naquela ocasião escrevi uma carta aos meus pais, que moravam na fazenda,

contando que eu já decidira o que queria ser no meu futuro. Que eu não queria ser doutor. Nem doutor de curar nem doutor de fazer casa nem doutor de medir terras. Que eu queria era ser fraseador. Meu pai ficou meio vago depois de ler a carta. Minha mãe inclinou a cabeça. Eu queria ser fraseador e não doutor. Então, o meu irmão mais velho perguntou: Mas esse tal de fraseador bota mantimento em casa? Eu não queria ser doutor, eu só queria ser fraseador. Meu irmão insistiu: Mas se fraseador não bota mantimento em casa, nós temos que botar uma enxada na mão desse menino pra ele deixar de variar. A mãe baixou a cabeça um pouco mais. O pai continuou meio vago. Mas não botou enxada. (BARROS, 2003, VII)

Diferente dos outros dois poemas apresentados nesta pesquisa, esta não se trata de uma lembrança natural de Manoel de Barros. Esta lembrança pode ter sido construída depois de anos, ao conversar com a sua família sobre o acontecido, pois, ao mandar uma carta aos seus pais, o autor não seria capaz de imaginar o que seu irmão havia falado a respeito da correspondência. Nem saberia ao menos a inquietude da mãe ao não falar nada ao ler tal declaração. Este é um exemplo de uma memória construída. Memórias de que muitas vezes são ouvidas por pessoas próximas a nós e que somos capazes de criar situações similares na nossa imaginação para preencher esse espaço vazio deixado por uma memória que não é verdadeiramente nossa. Assim, afirma Ricoeur (2007), que a memória e a imaginação partem da mesma direção.

Este fato muitas vezes é criado por nós sobre acontecimentos da nossa infância. Depois de muito ouvir sobre quando éramos muito pequenos, incapazes de formar memória de certas situações, ouvimos nossas próprias histórias e as reconhecemos como verdade. Até o ponto que passamos a contar essas histórias adquiridas de terceiros como se fossem nossas. Assim, esclarece Bachelard (2009, p.93), “Somente pela narração dos outros é que conhecemos a nossa unidade. No fio de nossa história contada pelos outros, acabamos, ano após ano, por parecer-nos com nós mesmos.”

Um fato que dificulta essa capacidade de distinguir o que é verdade e o que não é, quando se trata de memória, é conferida em Ricoeur (2007, p. 40): “Se podemos acusar a memória de se mostrar pouco confiável é precisamente porque ela é o nosso único recurso para significar o caráter passado daquilo que declaramos nos lembrar.”

E é a partir desta memória construída através das sensações da infância que vamos dar início ao segundo capítulo deste estudo, numa tentativa de seguir o caminho de construção das memórias de Manoel de Barros.

2. A memória imaginada

“Imagens são palavras que nos faltaram.”

Manoel de Barros

Para iniciar este capítulo gostaria de percorrer o mesmo caminho do capítulo anterior: primeiramente considero necessário esclarecer o termo imaginação para que possamos seguir com as impressões das memórias imaginadas por Manoel de Barros em sua série *Memórias Inventadas*.

Para nos esclarecer tal questão, Jean Paul Sartre utiliza-se de uma metáfora de uma folha em branco. O autor discorre sobre a imagem, a percepção e a imaginação nos fazendo pensar sobre uma folha de papel, inicialmente sobre a mesa de sua escrivaninha “percebo sua forma, sua cor, sua posição.” (SARTRE, 1964, p. 5). Passado algum tempo, vira-se o rosto e a folha não está mais no alcance de seu olhar, porém, sabe-se que ela não se desfez ou fugiu para outros lugares, a sua inércia não permitiria. Então, volta a ver a folha, “Entretanto, a folha me aparece de novo com sua forma, sua cor e sua posição; e sei muito bem, no momento em que ela me aparece, que é precisamente a folha que eu via há pouco.” (SARTRE, 1964, p. 6). Diante esses fatos, sabemos que a folha continua em sua escrivaninha, mas não precisamos estar sentados diante dela para saber e ver que a folha está lá, da mesma forma, cor e posição que havíamos visto anteriormente. Dessa forma, Sartre conclui: “Aqui, mais do que alhures, essa confusão entre os modos de ser é tentadora, uma vez que, apesar de tudo, a folha em imagem e a folha na realidade são uma única e mesma folha em dois planos diferentes de existência.” (SARTRE, 1964, p. 7)

Esta metáfora apresentada por Sartre é suficiente quando nos faz visualizar tal situação: quando vemos algo real e quando o imaginamos. É uma definição muito similar a da memória encontrada em Ricoeur, sobre o ponto de vista aristotélico de que a memória é uma representação de uma coisa anteriormente percebida, adquirida ou aprendida (RICOEUR, 2007). Essa similaridade é ainda encontrada em Ricoeur (2007, p. 25) sendo a imaginação e a memória constantemente associadas

É sob o signo da associação de idéias que está situada essa espécie de curto-circuito entre memória e imaginação: se essas duas afecções estão ligadas por contigüidade, evocar uma – portanto imaginar – é evocar a outra, portanto, lembrar-se dela. Assim, a memória reduzida à rememoração, opera na esteira da imaginação.

A diferença é que, na memória, há uma representação e na imaginação, de acordo com Sartre, temos a própria coisa que está sendo pensada, como se estivesse num segundo plano, o plano do nosso pensamento.

O caminho percorrido por Sartre em seu livro *A Imaginação*, é o de esclarecer primeiramente o que dizem os filósofos para depois apresentar a sua conclusão sobre a imaginação. Para uma melhor compreensão do contexto geral da obra, farei o mesmo percurso. Inicialmente nos é apresentada a teoria de Descartes, segundo Sartre (1964, p. 11) “A imaginação ou conhecimento da imagem vem do entendimento; é o entendimento, aplicado à impressão material produzida no cérebro, que nos dá uma consciência da imagem.”

Esta tese proposta por Descartes não esclarece a distinção das sensações das lembranças ou das ficções, por isso, nos introduz a definição de Spinoza:

Spinoza afirma ainda mais claramente do que Descartes, que o problema da imagem verdadeira não se resolve no nível da imagem, mas somente pelo entendimento. A teoria da imagem é, como em Descartes, separada da teoria do conhecimento e se prende à descrição do corpo: a imagem é uma afecção do corpo humano; o acaso, a contigüidade, o hábito são as fontes da ligação das imagens e a lembrança, a ressurreição material de uma afecção do corpo, provocada por causas mecânicas; os transcendentais e idéias gerais que constituem a experiência vaga são o produto de uma confusão de imagens, de natureza igualmente material. **A imaginação, ou conhecimento por imagens, é profundamente diferente do entendimento; ela pode forjar idéias falsas e não apresenta a verdade a não ser sob uma forma truncada.** (SARTRE, 1964, p. 12, grifo meu)

Após utilizar-se dos conceitos de Descartes e Spinoza, Sartre (1964, p. 13) vai além e conclui que “Imaginação e entendimento não são absolutamente distintos, uma vez que uma passagem é possível de um a outro pelo desenvolvimento das essências envolvidas nas imagens.”

A associação da imaginação com a imagem é conferida em todas as definições acima, porque não é possível formar pensamentos sem imagens, como o autor nos esclarece

É uma idéia filosófica: o homem é um organismo vivo no seio do mundo e o pensamento é um órgão que certas necessidades desenvolveram; da mesma forma como não há digestão sem alimentos, não há pensamentos sem imagens, isto é, sem materiais provenientes do exterior. (SARTRE, 1964, p. 33)

Através desta citação de Sartre percebemos que o pensamento é formado por imagens, por isso, como a imaginação ocorre no plano do pensamento, ela não pode ser indissociada da imagem.

Lev S. Vigotski também trata da imaginação em seu livro *Imaginação e Criação na Infância* comentado por Ana Luiza Smolka, esclarecendo-nos que se trata de uma atividade criadora do homem.

Chamamos atividade criadora do homem aquela em que se cria algo novo. Pouco importa se o que se cria é algum objeto do mundo externo ou uma construção da mente ou do sentimento, conhecida apenas pela pessoa em que essa construção habita e se manifesta. (VIGOTSKI, 2009, p. 11)

Sartre (1964, p. 34-35) fala sobre a atividade criadora quando cita Ribot “Sobre o fator afetivo ou ‘emocional’ Ribot pouco se explica na *Imaginação Criadora*. Mas a êle volta na *Lógica dos Sentimentos*: (...) ‘Os estados de consciência combinam-se porque há entre êles um senso afetivo comum’.”

E por falar em um senso afetivo comum, vemos a necessidade de voltar-nos a Manoel de Barros, pois as memórias imaginadas por ele estão diretamente ligadas ao seu emocional, ao sentimento de tudo o que faz parte de sua infância. Ele também vai falar dessa imaginação criadora, assim como Sartre, Bachelard e Vigotski, no documentário *Só dez por cento é mentira: a desbiografia oficial de Manoel de Barros* (2008):

A invenção é um negócio do subconsciente, né?... É imaginação criadora, a imaginação produtora, que busca lá no baú da infância. Dizia Bachelard que a gente tem um baúzinho, uma caixinha, um cofre onde ficam guardadas as nossas primeiras sensações, os primeiros cheiros que você sente, os primeiros ruídos de folhas caindo ou do vento, tudo isso é formado na infância. (15’56” a 16’32”)

Manoel de Barros neste documentário afirma que, para escrever, vai neste lugarzinho onde guarda suas sensações da infância, e assim é tocado pelas palavras para escrever. Dessa forma, nos remete a Santo Agostinho, citado no capítulo anterior, sobre considerar a memória como um lugar que podemos adentrar sempre que quisermos lembrar de algo. E só após adentrar neste lugar, torna-se apto a escrever sobre as suas memórias pessoais.

A leitura da série provoca-nos a curiosidade de buscar dados da biografia do autor. É praticamente impossível ler os poemas de *Memórias Inventadas* e não

recriar em nosso pensamento, a infância deste poeta. A partir das recordações que temos de nossa própria infância, somos capazes de, em muitos poemas, associar as memórias do poeta criança às nossas próprias memórias. Este é o momento em que nos “encontramos” nas memórias do autor e construímos um laço de compreensão com o poeta e uma profunda admiração pelo seu trabalho.

No documentário citado anteriormente, o autor diz que foi aos oito anos de idade para o colégio interno de Campo Grande - MS, lá tinha poucos amigos e aos finais de semana, já que não tinha com quem voltar para casa, ficava no colégio a jogar bola com os padres ou lendo “livros de cavalaria, livros de aventura, coisas que não me satisfaziam” (BARROS, 2009).

Adentramos na poesia de Manoel de Barros e já nos primeiros poemas percebemos esta criança solitária, esta criança de poucos amigos e de muita imaginação. É justamente sobre a criança solitária que Gaston Bachelard (a quem Manoel de Barros se refere na fala sobre os baús da memória) descreve no capítulo “Os devaneios voltados para a infância”, de seu livro *A poética do devaneio*.

Na solidão a criança pode acalmar seus sofrimentos. Ali ela se sente filha do cosmos, quando o mundo humano lhe deixa a paz. E é assim que nas suas solidões, desde que se torna dona dos seus devaneios, a criança conhece a ventura de sonhar, que será mais tarde a ventura dos poetas. Como não sentir que há comunicação entre a nossa solidão de sonhador e as solidões da infância? E não é à toa que, num devaneio tranqüilo, seguimos muitas vezes a inclinação que nos restitui às nossas solidões de infância. (BACHELARD, 1988, p. 94)

É na solidão que uma criança alcança seu mais elevado nível de imaginação. A criança cria seu próprio universo, criança gosta de brincar de imaginar. Ela cria situações brincando em grupos, se imagina polícia enquanto seus colegas são ladrões, se imagina princesa enquanto os outros são seus súditos, imagina-se mãe enquanto as outras crianças são seus filhos. Se a criança imagina tudo isso enquanto está brincando em conjunto, é de se esperar que quando brinca sozinha este horizonte imaginário se amplie para preencher os vazios de sua solidão. E é isso o que Manoel de Barros faz quando busca em seu pequeno baú, as suas memórias da infância, preencher os vazios da infância através de suas memórias inventadas.

Um poema que me faz pensar sobre este tema na trilogia em questão é “Manoel por Manoel”, primeiro poema do livro *Memórias Inventadas: a segunda infância*.

Manoel por Manoel

Eu tenho um ermo enorme dentro do olho. Por motivo do ermo não fui um menino peralta. **Agora tenho saudade do que não fui.** Acho que o que faço agora é o que não pude fazer na infância. Faço outro tipo de peraltagem.

Quando era criança eu deveria pular muro do vizinho para catar goiaba. **Mas não havia vizinho. Em vez de peraltagem eu fazia solidão.** Brincava de fingir que pedra era lagarto. Que lata era navio. Que sabugo era um serzinho mal resolvido e igual a um filhote de gafanhoto.

Cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação.

Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu trago das minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina. É um paradoxo que ajuda a poesia e que eu falo sem pudor. Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores. (BARROS, 2006, I, grifos meus)

De acordo com os relatos do autor, vemos que a base principal de suas brincadeiras na infância é a sua imaginação. Os versos grifados nos fazem pensar em uma criança que na falta de vizinhos, brincava sozinha, e a partir dessa solidão cria seus próprios brinquedos, suas próprias situações para brincar.

O autor escreve com bastante saudosismo sobre essa infância, do que poderia ter sido ou feito de diferente, mas que ao invés de se lamentar por não ter tantos amigos ou brinquedos, fala de sua comunhão com as coisas pequenas, com as coisas que criava e que imaginava. Dessa forma, nos sentimos cada vez mais ligados a Manoel. Quem nunca brincou sentado num cabo de vassoura e imaginou-se um grande cavaleiro? Manoel de Barros nos faz pensar no quanto as coisas pequenas podem ser grandiosas.

Vigotski (2009, p. 14) fala sobre a necessidade de utilizarmos esta atividade criadora para que não fiquemos presos ao passado.

Se a atividade do homem se restringisse a mera reprodução do velho, ele seria um ser voltado somente para o passado, adaptando-se ao futuro apenas na medida em que este reproduzisse aquele. É exatamente a

atividade criadora que faz do homem um ser que se volta para o futuro, erigindo-o e modificando o seu presente.

O autor segue seu pensamento dizendo que a criança não é capaz de criar as coisas do nada. Esta imaginação corresponde a uma imitação das experiências que já vivenciamos, a imaginação vai partir apenas da recriação dessas situações.

É claro que, em suas brincadeiras, elas (as crianças) reproduzem muito do que viram. Todos conhecem o enorme papel da imitação nas brincadeiras das crianças. As brincadeiras infantis, frequentemente, são apenas um eco do que a criança viu e ouviu dos adultos. No entanto, **esses elementos da experiência anterior, nunca se reproduzem, na brincadeira, exatamente como ocorreram na realidade. A brincadeira da criança não é uma simples recordação do que vivenciou, mas uma reelaboração criativa de impressões vivenciadas.** É uma combinação dessas impressões e, baseada nelas, a construção de uma realidade nova que responde às aspirações e aos anseios da criança. (VIGOTSKI, 2009, p. 16 e 17, grifo meu)

A partir do grifo acima compreendemos que as crianças possuem a capacidade de reelaborar criativamente as situações por elas vividas. Esta capacidade de recriação pode ser maior ou menor, dependendo da “riqueza e diversidade da experiência anterior da pessoa”. (VIGOTSKI, 2009, p. 22)

Manoel de Barros em “O apanhador de desperdícios” vai nos abrir os olhos novamente sobre os “seres desimportantes”. Desimportantes podem até ser para nós, que não tivemos a mesma infância que a deste poeta, pois para a criança que vive entre ruas, rios, pedras e árvores, os insetos que fazem parte do seu cotidiano são sim mais importantes que aviões que não fazem parte das suas experiências de vida.

O apanhador de desperdícios
 Uso a palavra para compor meus silêncios.
 Não gosto das palavras
 fatigadas de informar.
 Dou mais respeito
 às que vivem de barriga no chão
 tipo água pedra sapo.
 Entendo bem o sotaque das águas
**Dou respeito às coisas desimportantes
 e aos seres desimportantes.**
Prezo insetos mais que aviões.
**Prezo a velocidade
 das tartarugas mais que a dos mísseis.**
 Tenho em mim um atraso de nascença.
**Eu fui aparelhado
 para gostar de passarinhos.**
 Tenho abundância de ser feliz por isso.

Meu quintal é maior do que o mundo.

Sou um apanhador de desperdícios:
 Amo os restos
 como as boas moscas.
 Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.
 Porque eu não sou da informática:
 eu sou da invencionática.
 Só uso a palavra para compor meus silêncios.
 (BARROS, 2003, IX, grifos meus)

Ainda por falar em experiências individuais da criança, destaco o verso “Meu quintal é maior que o mundo” para pensar sobre “a porção da memória acessada pela sensibilidade”, fato citado no capítulo anterior e corroborado por este poema. Para uma criança o seu quintal é maior pois é onde faz suas descobertas, corre, brinca, se esconde, maior do que qualquer mundo que ainda não pode alcançar.

A rapidez da tartaruga é mais prezada do que a dos mísseis pois é ela quem está ali, fazendo parte da sua vida. Este é um poema em que o autor se propôs a falar sobre a importância das coisas desimportantes. Neste caso, importantes para ele e desimportantes para as pessoas que não têm experiência com tais situações. A figura do míssil além de possuir uma comparação sobre a sua velocidade com a tartaruga, também pode ser associada a um fator político, uma crítica do autor sobre a violência gerada por este objeto, mais uma vez considerado desimportante para ele.

Ainda para ilustrar este capítulo considero válida a análise do poema “O menino que ganhou um rio”, parte do livro *Memórias inventadas: a terceira infância*.

O menino que ganhou um rio
Minha mãe me deu um rio.
 Era dia de meu aniversário e ela não sabia
 o que me presentear.
 Fazia tempo que os mascates não passavam
 naquele lugar esquecido.
 Se o mascate passasse a minha mãe compraria
 rapadura
 Ou bolachinhas para me dar.
 Mas como não passara o mascate, minha mãe me
 deu um rio.
 Era o mesmo rio que passava atrás de casa.
 Eu estimei o presente mais do que fosse uma
 rapadura do mascate.
 Meu irmão ficou magoado porque ele gostava
 do rio igual os outros.
 A mãe prometeu que no aniversário do meu
 irmão
Ela iria dar uma árvore para ele.
 Uma que fosse coberta de pássaros.
 Eu bem ouvi a promessa que a mãe fizera ao

meu irmão
 E achei legal.
 Os pássaros ficavam durante o dia nas margens
 do meu rio
 E de noite eles iriam dormir na árvore do
 meu irmão.
 Meu irmão me provocava assim: a minha árvore
 deu lindas flores em setembro.
 E o seu rio não dá flores!
 Eu respondia que a árvore dele não dava
 piraputanga.
 Era verdade, mas o que mais nos unia eram
 os banhos no rio entre pássaros.
 Nesse ponto nossa vida era um afago!
 (2008, IV, grifos meus)

Este poema nos prende a atenção justamente na composição do fato descrito: da impossibilidade da mãe de presentear seu filho com um rio no dia do seu aniversário. Porém, na imaginação este é um fato comprovadamente possível, visto que as experiências de ganhar presentes e de conhecer um rio já são conhecidas pelos personagens. Através disso, a atividade criadora ocorre de dois fatos já conhecidos, porém recriados na nossa imaginação. Assim, Vigotski (2009, p. 17) esclarece

Diante de nós, há uma situação criada pela criança. Todos os elementos dessa situação, é claro, são conhecidos por ela de sua experiência anterior, pois, do contrário, ela nem poderia criá-la. No entanto, a combinação desses elementos já representa algo novo, criado, próprio daquela criança, e não simplesmente alguma coisa que reproduz o que ela teve a oportunidade de observar ou ver. É essa capacidade de fazer uma construção de elementos, de combinar o velho de novas maneiras, que constitui a base da criação.

Dessa forma faz-se completamente plausível uma criança ganhar um rio de presente de aniversário em sua imaginação. Combinar elementos conhecidos é ainda mais possível na poesia, pois é nas asas da imaginação que voa a poesia de Manoel de Barros.

Diante do exposto, conhecendo a memória vivida e a memória imaginada de Manoel de Barros, seguimos com o próximo capítulo sobre a memória inventada deste autor, a fim de nos esclarecer o caminho percorrido para a construção de suas memórias.

3. A memória inventada:

A ficção, a realidade e a mentira

“A poesia nasce do não existir. Você tem que inventar.”

Manoel de Barros

A invenção surge na poética de Manoel de Barros como uma forma do autor recriar o seu passado, de modo a complementar a memória do que viveu e do que imaginou, como vimos nos capítulos anteriores. Nesse sentido de recriação do próprio passado, é conferido à série *Memórias Inventadas* um caráter de autobiografia poética e ficcional. Antonio Candido, ao propor essa categoria, referia-se a uma literatura mineira que surgia à época, mas a trilogia em questão enquadra-se facilmente nesta classificação por possuir recursos expressivos próprios.

(...) podem ser qualificados de autobiografias poéticas e ficcionais, na medida em que, mesmo quando não acrescentam elementos imaginários à realidade, apresentam-na no todo ou em parte como se fosse produto da imaginação, graças a recursos expressivos próprios da ficção e da poesia, de maneira a efetuar uma alteração no seu objeto específico. (CANDIDO, 1989, p. 51)

Manoel de Barros, através de sua autobiografia poética e ficcional, percorre os caminhos do passado, construindo a sua infância diante do leitor. A professora Raquel R. de Souza, em seu artigo *Chaves para ler Memórias Inventadas*, chama-nos a atenção sobre a escrita autobiográfica, citando o livro *La autobiografía: las escrituras del yo*

Miroux (2005) pensando a memória nas autobiografias, sintetiza muito bem: diz que o esquecimento impede a pessoa de contar a história de sua vida, mas trata-se de um esquecimento fecundo, porque seleciona o essencial e apaga o episódico. E mais: é na escuridão o lugar onde se produz a recordação significativa da vida; o esquecimento suscita a imaginação; expõe de maneira aguda a relação entre o referencial e o poético. “Não é a exatidão dos fatos que importa, mas o encontro do fato relatado e do imaginário, que o reproduz.” (SOUZA, 2012, p. 103)

Assim surge a ficção na poética de Manoel, através do encontro do fato narrado com o imaginário infantil. Em *Memórias Inventadas*, assim como em vários escritos autobiográficos, se não todos, conferimos exatamente isso, a recordação do que era importante para a sua construção pessoal e o esquecimento do que não era relevante para a construção de suas memórias.

Como forma de preencher os vazios proporcionados pelo esquecimento, observamos a necessidade de incluir a ficcionalidade no enredo para que se torne mais consistente e não passe apenas por um relato pessoal.

Pablo Andrade e Rosimeire Medeiros (2011, p. 01) justificam a necessidade da ficção na obra, uma vez que é ela que permite ao homem a sua criação e reinvenção na narrativa. “A ficção se faz indispensável na medida em que as práticas rotineiras e os saberes modernos não são suficientes ao homem. Este precisa (re)inventar, ludibriar a realidade e criar versos que alarguem seu mundo.”

É a partir da ficcionalidade que o autor inventa as suas próprias memórias e permite ao seu leitor que se encontre também nessa infância inventada, dessa forma, o seu leitor também passa a ser um inventor de memórias, encontrando-se inserido na poética de Manoel de Barros.

Na ficção há um encontro entre a realidade limitada, os sonhos e os desejos. É nessa perspectiva, que o homem precisa sempre (re)inventar a si mesmo e o espaço em que vive, pois, só assim tem a possibilidade de transgredir as próprias limitações e acrescentar algo ao mundo. (ANDRADE; MEDEIROS, 2011, p. 03)

As memórias inventadas deste autor são um conjunto de sua imaginação infantil acrescidas das memórias do passado. Enquanto houver espaços para preencher as sensações proporcionadas pela infância, a ficção será acrescentada, como podemos conferir com o poema “Invenção” presente no livro *Memórias Inventadas: a terceira infância*.

Invenção
 Inventei um menino levado da breca para me ser.
 Ele tinha um gosto elevado para chão.
 De seu olhar vazava uma nobreza de árvore.
 Tinha desapetite para obedecer a arrumação das coisas.
 Passarinhos botavam primavera nas suas palavras.
 Morava em maneira de pedra na aba de um morro.
 O amanhecer fazia glória em seu estar.
 Trabalhava sem tréguas como os pardais bicam as tardes.
 Aprendeu a dialogar com as águas ainda que não
 soubesse nem as letras que uma palavra tem.
 Contudo que soletrasse rãs melhor que mim!
 Era beato de sapos.
 Falava coisinhas seráficas para os sapos como se
 namorasse com eles.
 De manhã pegava o regador e ia regar os peixes.
 Achava arrulos antigos nas estradas abandonadas.
 Havia um dom de traste atravessado nele.
 Moscas botavam ovo no seu ornamento de trapo.

As garças pensavam que ele fosse árvore e faziam
sobre ele suas brancas bostas.
Ele não estava nem aí para os esterco branco.
Porém o menino levado da breca ao fim me falou
que ele não fora inventado por esse cara poeta
Porque fui eu que inventei ele. (BARROS, 2008, II)

Esse jogo de palavras com o intuito de personificar os objetos ou objetificar as pessoas é encontrado durante todo o poema e em muitos dos poemas de Manoel de Barros. Trata-se de uma forma clara de ficção, onde não há limites para o real ou o imaginário na obra. Aqui, podemos lembrar o poema O Apanhador de Desperdícios, já apresentado no capítulo 2, onde Manoel de Barros afirma a sua condição de inventor: "(...) Queria que a minha voz tivesse um formato de canto. / Porque eu não sou da informática: / eu sou da invencionática. / Só uso a palavra para compor meus silêncios." (BARROS, 2003, IX)

Manoel de Barros deixa claro a sua intencionalidade em relacionar a memória com a ficção já no título da série. Como pode a memória, algo que nos remete ao que aconteceu anteriormente, ser inventada? O questionamento sobre como poderíamos ter memória de algo que não ocorreu, é possível principalmente nos limites da poesia. É na poesia que o autor encontra brechas para acrescentar a ficção aos acontecimentos e ao imaginário.

Esta relação da memória com a ficção é corroborada pela epígrafe do primeiro livro "Tudo o que não invento é falso". Esse jogo de negação faz com que o seu leitor não se atenha à realidade ao se deparar com este volume, percebendo de imediato a sua necessidade de imaginar, criar, inventar suas memórias e, por consequência, a sua infância.

Esta epígrafe nos faz pensar, ainda, sobre a diferença entre a mentira e a invenção. Não é fácil pensar que quando se conta uma mentira, inventa-se uma história para ludibriar alguém? Este questionamento sobre a diferença de mentira e invenção foi feito pelo narrador ao poeta no documentário *Só dez por cento é mentira: uma desbiografia oficial de Manoel de Barros*, onde o autor respondeu da seguinte forma:

Se eu disser a você que eu fui ali na padaria, comprei um pão; é uma mentira. Eu estou aqui; eu não fui na padaria, não comprei um pão. E a invenção é um negócio profundo, invenção é uma coisa que serve para aumentar o mundo. (20'29" a 20'43", *Só dez por cento é mentira*, 2008).

Através da fala de Manoel de Barros, percebemos que a mentira sustenta-se no âmbito real, é acrescentada quando pretende-se enganar um terceiro, ludibriar alguém, garantindo que algo aconteceu, quando na verdade não aconteceu, é falso. A invenção é coisa profunda porque se encontra no âmbito poético, é construído e tem a pretensão alargar as barreiras da realidade “aumentando o mundo”. Por isso, a poesia não deve ser lida com os olhos voltados para a realidade, deve ser vista com olhos atentos para a ficção, à criação do novo, à invenção. O que é corroborado pela fala do autor no documentário antes de ter sido interrogado: “É falso mesmo, o que vem de dentro de nós, do fundo, é que é verdade nossa. A minha poesia é verdadeira, é inventada mas é absolutamente verdade”. (20'14" a 20'26", Só dez por cento é mentira, 2008) Dessa forma, compreendemos que invenção não é necessariamente o oposto da verdade.

Trazendo à tona conceitos como verdade e mentira, gostaria de utilizar este espaço para esclarecer a diferença da verdade de um fato narrado pela construção narrativa desse fato. Na poesia, principalmente, a construção narrativa não se apega ao conceito da verdade, visto que uma construção poética permite que a nossa imaginação crie asas e “amplie o mundo” e tudo pode ser compreendido como verdade. Já a veracidade de um fato narrado, este sim, se prende ao real quando quer dar consistência ao que está sendo contado. Dessa forma, o fazer poético de Manoel de Barros é da ordem da imaginação, verdadeiramente construída para o seu leitor.

Este processo de invenção, é reforçado, ainda, pela fala do narrador no documentário supracitado: “A falta de assunto e a falta de vizinho, fertilizaram no poeta uma biografia inventada mais verdadeira do que a vida cotidiana.” (19'58” a 20'07” Só dez por cento é mentira, 2008) Neste documentário, Manoel descreve o lugar onde passou maior parte da infância, dizendo que não havia vizinhos, nem muitos amigos, os sete ou oito homens da cidade conversavam de inventar. Isso porque não havia assunto, não havia tv, não havia rádio, então para conversar, inventavam histórias. Percebemos claramente que essa situação inicial culminou no autor a vontade de inventar suas próprias situações, seus próprios brinquedos, suas próprias brincadeiras e, posteriormente, suas próprias memórias.

Até o presente momento, podemos facilmente confundir a invenção proposta por Manoel de Barros com a imaginação, vista no capítulo anterior. Porém, o que proponho com este capítulo é que possamos perceber que a invenção do poeta vai

além do ato de imaginar, ela ocorre no âmbito da poesia, e é no fazer poético que o poeta alcança os “deslimites da palavra” e, assim como qualquer outra poesia, foge da ordem do entendimento. É através da memória, do âmbito real, e da imaginação, do âmbito do irreal e da fantasia, que o autor produz as suas memórias inventadas. O real da poesia se difere do real histórico.

Manoel de Barros em *O Livro das Ignorâncias* (2006b) propõe uma “Didática da Invenção” dizendo que “As coisas que não existem são mais bonitas”. Essa frase, pode sintetizar toda a sua poética invencionista, que é criada para dar nome às coisas sob um novo ponto de vista. Como, por exemplo, “Logo fizemos/ a *Borboleta beata.*/ E depois fizemos Uma idéia / de *roupa rasgada de bunda.* E A *fivela de prender silêncios.*/ Depois elaboramos A canção para a *lata defunta.*” (BARROS, 2006a, IV, grifos meus) Essas são construções que não existem mas que facilmente estão na ordem do nosso entendimento. Essas são as falas do dialeto mannelês, criadas pelo autor. Dialeto que simplifica a linguagem de criança, porém enriquece a sua poesia.

Assim como sentimentos, descobertas, falas que facilmente associaríamos a uma criança, lendo as *Memórias Inventadas*, percebemos que além de inventar memórias, o autor também inventa palavras, tornando tudo praticamente uma brincadeira infantil.

Mas o que as crianças e o poeta têm em comum? Tudo e nada. A simplicidade de encantar pela pureza em tocar as palavras e por ser infante na sua mais tenra idade. Manoel de Barros, não deixa rastros de sua vida, sua biografia é confusa, uma traquinagem pura. Sua infância ecoa nas linhas em que escreve os devires de um invento inacabado. (SCHERNER, 2015, p. 152)

Escrevi inúmeras vezes neste trabalho sobre o poeta criança e sobre o infantil presente em sua obra, porém, quero salientar que mesmo utilizando-se de memórias da infância, o autor em nenhum momento empobrece a sua escrita, ou infantiliza sua autobiografia poética e ficcional. Como nos esclarece Leal (2004, p. 26) “Mas o autor não apenas remete-se ao passado em busca de sua infância. Ele a mantém consigo em sua adultez.”

Por ser uma série que trata das memórias do infantil, percebo a necessidade de esclarecer o que é a infância na obra deste poeta, a partir da leitura do capítulo

“Leituras da infância na poesia de Manoel de Barros”, da obra *Lugares da Infância: filosofia*.

A infância na série *Memórias Inventadas* não pode ser entendida apenas como um período da vida, compreendida entre o nascimento e a puberdade. O poeta, já senhor, utiliza-se da simplicidade crianceira para compor as suas memórias, e alcança esta forma encantadora em forma de poesia. Como esclarece Leal (2004, p. 22)

Paradoxalmente, nossos saberes sobre a infância afastam-nos dela. (...) Sobre a infância muito já sabemos. Não há mais o que dizer. Melhor assim. Se não há mais o que dizer sobre a infância, talvez tenha chegado o momento de aprendermos com as crianças o que a infância tem a nos dizer. Talvez a infância, assim como a poesia, não precise ser analisada, mas sentida. “Sofro medo de análise”, afirma o poeta Manoel de Barros. As crianças parecem repeti-lo em segunda voz.

Dessa forma, como expõe Leal, vemos que envelhecer é ampliar o conhecimento e este saber demais que nos afasta da infância. Ou seja, a infância parte da inocência, do não saber, do não ser analisada, é apenas sentida, compreendida, vivida. Um poema que me faz pensar sobre a inocência de uma criança quando se depara com coisas que fogem do seu conhecimento, é o “Sobre Sucatas”, presente no primeiro livro da trilogia.

Sobre Sucatas

Isto porque a gente foi criada em lugar onde não tinha brinquedo fabricado. Isto porque a gente havia que fabricar os nossos brinquedos: eram boizinhos de osso, bolas de meia, automóveis de lata. Também a gente fazia de conta que sapo é boi de cela e viajava de sapo. Outra era ouvir nas conchas as origens do mundo. Estranhei muito quando, mais tarde, precisei de morar na cidade. Na cidade, um dia, contei para minha mãe que vira na Praça um homem montado no cavalo de pedra a mostrar uma faca comprida para o alto. Minha mãe corrigiu que não era uma faca, era uma espada. E que o homem era um herói da nossa história. Claro que eu não tinha educação de cidade para saber que herói era um homem sentado num cavalo de pedra. Eles eram pessoas antigas da história que algum dia defenderam a nossa Pátria. Para mim aqueles homens em cima da pedra eram sucata. Seriam sucata da história. Porque eu achava que uma vez no vento esses homens seriam como trastes, como qualquer pedaço de camisa nos ventos. Eu me lembrava dos espantalhos vestidos com as minhas camisas. O mundo era um pedaço complicado para o menino que viera da roça. Não vi nenhuma coisa mais bonita na cidade do que um passarinho. Vi que tudo o que o homem fabrica vira sucata: bicicleta, avião, automóvel. Só o que não vira sucata é ave, árvore, rã, pedra. Até nave espacial vira sucata. Agora eu penso uma garça branca de brejo ser mais linda que uma nave espacial. Peço desculpas por cometer essa verdade. (BARROS, 2003, XV)

O poema acima, nos faz pensar nessa falta de conhecimento associada a infância. Para uma criança é difícil mudar do interior para a cidade grande e compreender de imediato tudo o que está ao seu redor. É plausível, então, que a criança não soubesse que a sucata no meio da cidade se tratava de uma estátua de homenagem a algum herói, também desconhecido por ela. O que importa para a criança, neste momento da vida, é ver e descobrir tudo o que está ao seu alcance, por isso, inferimos ao final do poema que a criança percebe que tudo o que é fabricado pelas mãos do homem vira sucata, menos as coisas da natureza ao qual era familiarizado antes de deixar a vida no interior.

Leal alerta-nos, ainda, sobre a necessidade de não impor limites à infância, “Isto implica abrimos mão do que pensamos saber sobre a infância. Assim será possível lançar sobre ela um olhar menos ensinante, mais receptivo à novidade que cada criança traz consigo.” (LEAL, 2004, p. 22) Dessa forma, abre-se espaço para as grandiosas contribuições de uma criança ao mundo adulto, o qual consideramos completo, porém mostra-se incompleto por não incluir os saberes infantis nesta completude. Manoel mostra-se aberto às contribuições infantis com o poema “Fontes”, do livro *Memórias Inventadas: a terceira infância*.

Fontes

Três personagens me ajudaram a compor estas memórias. Quero dar ciência delas. Uma, a criança; dois, os passarinhos; três, os andarilhos. A criança me deu a semente da palavra. Os passarinhos me deram desprendimento das coisas da terra. E os andarilhos, a preciência da natureza de Deus. Quero falar primeiro dos andarilhos, do uso em primeiro lugar que eles faziam da ignorância. Sempre eles sabiam tudo sobre o nada. E ainda multiplicavam o nada por zero – o que lhes dava uma linguagem de chão. Para nunca saber onde chegavam. E para chegar sempre de surpresa. Eles não afundavam estradas, mas inventavam caminhos. Essa a pré-ciência que sempre vi nos andarilhos. Eles me ensinaram a amar a natureza. Bem que eu pude prever que os que fogem da natureza um dia voltam para ela. Aprendi com os passarinhos a liberdade. Eles dominam o mais leve sem precisar ter motor nas costas. E são livres para pousar em qualquer tempo nos lírios ou nas pedras – sem se machucarem. E aprendi com eles ser disponível para sonhar. O outro parceiro de sempre foi a criança que me escreve. Os passáros, os andarilhos e a criança em mim, são meus colaboradores destas Memórias inventadas e doadores de suas fontes. (BARROS, 2008, I)

Finalizando com este poema, Manoel quer salientar os artifícios próprios que utiliza para escrever as suas memórias. Os artifícios foram personificados e “a criança que me escreve”, podemos facilmente associar ao infantil, tão presente nesta trilogia, “os andarilhos”, associo-os aos saberes da vida adulta e “os passarinhos”, à leveza com que aprendeu a lidar com as lições de sua longa caminhada de vida.

Desse modo, vemos que o percurso de Manoel de Barros para construir as suas memórias autobiográficas, passa pelos relatos de sua infância – o real, pela construção do seu imaginário – o irreal, e pelo fazer poético que, através da ficção, preenche os espaços do real e do irreal para compor as suas *Memórias Inventadas*. O autor foge da poesia convencional e presenteia o seu leitor com a mais pura lírica de um poeta que só sabe escrever sobre o seu passado, pois, como sempre afirmava em entrevistas, pela sua poesia, só teve infância e, por isso, só sabe escrever sobre a infância.

Considerações Finais

Através da realização deste trabalho, pude perceber a complexidade com que Manoel de Barros lida com a poesia e com seu fazer poético. O intuito desta pesquisa não era o de explicar o que significa a sua poesia, pois de acordo com o próprio autor da série *Memórias Inventadas*, a poesia não deve ser entendida, quando é explicada, ela deixa de ser poesia e passa a ser prosa.

O objetivo desta pesquisa era o de compreender um possível caminho trilhado pelo autor para construir as suas próprias memórias e, a partir dessa construção individual, tornar o seu trabalho universal, permitindo a invenção das memórias também pelo seu leitor. Nos encontramos em muitos dos poemas de Manoel de Barros e nos reconhecemos como crianças em suas inúmeras passagens sobre as descobertas infantis e compreensão com as coisas pequenas.

Quando esta trilogia foi encomendada a Manoel de Barros, inicialmente, o poeta deveria escrever o primeiro livro sobre a sua infância, o segundo sobre a sua mocidade e o terceiro sobre a velhice. Segundo pesquisas de sua bibliografia, após terminar o primeiro livro, Manoel continuou a escrever a trilogia escrevendo apenas sobre suas memórias criancieiras, pois afirmava com muita insistência que só sabia escrever sobre a infância. Porém, após o término desta pesquisa, pude perceber que o autor não apenas escrevia sobre a sua infância, a sua poesia vai além. Fato percebido quando lemos sobre momentos marcantes de sua vida, mas de uma forma mais sutil, leve, quase que com a inocência de uma criança, por isso muitas vezes essa trilogia é apenas associada a um caráter infantil. Apenas as pessoas que buscam mais atentamente compreender a sua autobiografia poética se deparam com a grandeza de sua forma de escrever e compreendem a construção das suas memórias.

É com essa inocência que nos apresenta relatos de sua vida, de suas primeiras descobertas, sua infância no colégio interno, suas brincadeiras no Pantanal, suas companhias e até suas namoradas.

Esta pesquisa é uma proposta de reconstrução do caminho percorrido pelo autor para a construção da sua autobiografia poética e ficcional, porém, acredito que a grandeza de Manoel de Barros pode despertar nos seus leitores inúmeros outros caminhos e modos de compreender o percurso utilizado por ele para recriar o seu próprio passado. Por isso, afirmo que este caminho proposto por mim para a construção das suas memórias não é o único e nem o mais verdadeiro. Muitas descobertas podem ser inferidas dessa série composta por três livros sobre a

memória e sobre a infância do poeta pantaneiro, a sua poesia é tão pura que abre as asas da nossa imaginação e nos faz pensar em inúmeros caminhos possíveis para a sua construção narrativa pessoal.

Não posso considerar que este caminho trilhado por mim para percorrer as suas memórias do passado seja o único, até por que o nosso poeta pantaneiro era tímido, não gostava de apresentar seu ser biológico, dizia constantemente que devemos nos focar apenas em seu ser letral, em seus livros e sua poesia. Dessa forma, sua biografia é confusa e a única verdade que temos, são seus mais de 20 livros publicados e inúmeros prêmios recebidos. A verdade que nos sustenta é a sua poesia.

Bibliografia

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Trad. J. de Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Abril Cultural, 1973. [Coleção *Os pensadores*]

ANDRADE, Pablo; MEDEIROS, Rosimeire. UMA DIDÁTICA DA INVENÇÃO: A POÉTICA DAS IGNORÂÇAS. *Anais da Semana de Humanidades XIX: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes*, Natal, v. 1, n. 1, p.1-5, jun. 2011. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/shXIX/anais/GT25/UMA%20DID%20TICA%20DA%20INVEN%C7%C3O%20-%20A%20PO%20C9TICA%20DAS%20IGNOR%C3%C7AS.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2016.

BARROS, Manoel de. *Livro sobre nada*. 8 ed, Rio de Janeiro: Record, 2000.

BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas: a infância*. São Paulo: Planeta, 2003.¹

BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas: a segunda infância*. São Paulo: Planeta, 2006a.

BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas: a segunda infância*. São Paulo: Planeta, 2008.

BARROS, Manoel de. *O Livro das Ignorâncias*. 12. ed. São Paulo: Record, 2006b.

BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

CANDIDO, Antonio. Poesia e ficção na autobiografia. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.

LEAL, Bernardina. Leituras da infância na poesia de Manoel de Barros. In: KOHAN, W. O. (Org). *Lugares da Infância: filosofia*. Rio de Janeiro, DP&A, 2004.

MICHAELIS, dicionário online. Editora Melhoramentos, disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=mem%F3ria>> acesso em 28 de Abril de 2016.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Fabrícia Wallace. *Memórias engendradas, ficções do eu*: António Lobo Antunes, Milton Hatoum e José Eduardo Agualusa. 2013. 174 f. Tese (Doutorado) - Curso de Literatura Comparada, Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013..

ROSSI, Paolo. *O passado, a memória, o esquecimento: seis ensaios da história das ideias*. São Paulo: UNESP, 2010.

Só dez por cento é mentira: a desbiografia oficial de Manoel de Barros. Direção de Pedro Cezar. Roteiro: Pedro Cezar. Corumbá: Artesanato Eletrônico, 2008. (81 min.), son., color. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=QZLC8wNVtfs>>. Acesso em: 03 mar. 2016.

¹ Utilizei a primeira edição do livro do ano de 2003, que não possui numeração das páginas. Os números romanos que encabeçam cada poema foram utilizados para indicar a ordem em que foram apresentados. Para melhor visibilidade, o procedimento foi utilizado para informar a ordem dos poemas nos três livros correspondentes à série *Memórias Inventadas*.

SARTRE, Jean Paul. *A imaginação*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1964.

SCHERNER, Letícia. A poesia de Manoel de Barros: cartografando territórios. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p.145-160, maio 2015. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/11691/11837>>. Acesso em: 30 maio 2016.

SOUZA, Raquel Rolando de. Chaves para ler as Memórias Inventadas, de Manoel de Barros. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Rio Grande, n. 40, p.99-112, jul. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/elbc/n40/a07n40.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2016.

VIGOTSKI, Lev S. *Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico: livro para professores; apresentação e comentários por Ana Luiza Smolka; tradução Zoia Prestes*. São Paulo: Ática, 2009b.

YATES, Frances. *A arte da memória*. Trad. Flávia Bancher. São Paulo: UNICAMP, 2008.